

A UNIVERSALIZAÇÃO DA FUGA E O NOVO OLHAR SOBRE O MIGRANTE SERTANEJO NA OBRA *ESSA TERRA* DE ANTÔNIO TORRES

Vanusia Amorim Pereira dos Santos

Mestre em Letras, Professora de Língua Portuguesa e Literatura
IFAL - Instituto Federal de Alagoas – Campus Palmeira dos Índios
Email: vanusia.amorim@yahoo.com

Resumo: Em 1976, Antônio Torres lançou *Essa Terra*, narrativa que tem como motivo a migração nordestina para São Paulo. Nesse romance, ficamos sabendo da história de Totonhim, protagonista e narrador. Sim, o próprio migrante nos conta sua história. Uma inovação. Já na 27ª. edição, *Essa Terra* é um clássico da literatura brasileira amplamente traduzido em várias línguas e lido em vários países. Neste trabalho, analisamos como Antônio Torres se diferenciou dos seus contemporâneos, visto que compreendeu a migração como fruto de um colonialismo interno e alçou o migrante à condição de narrador em primeira pessoa. Apontaremos ainda, como a migração e seus desdobramentos configuram a fuga como elemento de universalização da obra Torresiana. Pretendemos comprovar que Torres, ao tempo em que dialoga com outros clássicos nossos, dá um passo largo nessa travessia da literatura brasileira, que é refletir o brasileiro – todos eles - de forma universal. Torres é escritor singular, merecendo sua obra ser mais analisada e mais bem destacada sua importância no nosso cânone.

Palavras-chave: Universalização. Literatura Brasileira. Antônio Torres. Fuga.

INTRODUÇÃO

Em 1938, Graciliano Ramos lançou *Vidas Secas* e na obra deu protagonismo ao migrante oriundo do Nordeste brasileiro. Através da desalentada família de Fabiano, o autor mais do que abordou a saga em busca de sobrevivência, nesse romance icônico Ramos profetizou o que seria a sina do homem nordestino: migrar para o Sul, fugir da morte certa rumo a uma terra incerta, desconhecida “... *correr mundo, andar para cima e para baixo, à toa ...*” (Ramos, 2009). Tendo como o desfecho final do drama a migração da família de Sinhá Vitoria, Mestre Graça deixaria marcada na literatura brasileira a fatalidade do homem do Sertão: o viver em fuga, escapando da seca, fugindo da miséria. Essa condição fica expressa inclusive na disposição dos capítulos. Não é por acaso que a narrativa começa com o capítulo *mudança* e encerra com o capítulo *fuga*. No

contexto em que vive Fabiano e a família não há escapatória. Para sobreviver é preciso migrar. Não há outro caminho, não há escolha.

Abordar o tema da migração nordestina fez parte do projeto literário de outros autores da nossa literatura. Clarice Lispector e Jorge Amado são autores-exemplos de obras clássicas, com *A hora da estrela* e *Seara Vermelha*. Contudo, queremos aqui chamar atenção para um autor não tão lembrado pelo cânone: Antônio Torres. Em 1976, o baiano, hoje imortal da Academia Brasileira de Letras, lançou *Essa Terra*, que trata da saga de uma família de migrantes. Contudo, Torres se diferenciou em dois aspectos: compreendeu a migração como fruto de um colonialismo interno, considerando que o sertão tornou-se um lugar explorado e empobrecido pelo centro-sul do país; alçou o migrante à condição de narrador em primeira pessoa, assim nos contando ele mesmo – o migrante, o excluído - como era ir para o Sul, chegar e estar lá, ter que enfrentar o preconceito e a marginalização e perceber que “*São Paulo não é o que se pensa*” (Torres, 2012).

Com *Essa terra* Antônio Torres inaugurou perspectivas diferentes sobre o tema da migração e nos possibilitou refletir sobre a condição do ser migrante ouvindo a voz do próprio retirante. O que acontecia com aqueles que iam em busca de vida melhor? Tornavam-se homens de sucesso? Os filhos frequentavam boas escolas? Como eram tratados? Ficavam prisioneiros da civilização? Perdiam-se? Encontravam-se? Fugiriam sempre? E, diante do inevitável, fugindo, conseguiriam escapar? Qual o real significado dessa fuga, no que ela se transformou e no que ela transformou o errante? São questionamentos importantes porque como bem afirmou o escritor-prefeito “... o sertão continuaria a mandar gente para lá.” (Ramos, 2009). Continua. E por isso, nos interessa saber o que o destino reserva para essas pessoas que se aventuram rumo *às terras civilizadas*.

Torres dialoga com Graciliano Ramos ao tempo que dá um passo largo nessa travessia da literatura brasileira, que é refletir o brasileiro – todos eles - de forma universal. É o primeiro escritor que concede voz própria ao migrante nordestino; excluído histórico. E vai além, universaliza o drama desse migrante usando como elemento de inclusão social a própria fuga, os sentimentos que a permeiam e as consequências disso no íntimo do indivíduo. No dizer de Candido (1999) Torres pratica a literatura humanizadora, “*algo que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem*.”. Dessa maneira, Antônio Torres se singulariza na condição de escritor e sua obra

merece ser mais lida, mais analisada, mais refletida e mais bem destacada sua importância no nosso cânone.

A PRODUÇÃO LITERÁRIA BRASILEIRA NOS ANOS 70 DO SÉCULO XX

Por um tempo considerável a produção literária dos anos 70 do século XX foi duramente criticada e caracterizada como pouco profícua, por assim dizer. Tornaram-se corriqueiras expressões como “gavetas vazias”, “vazio cultural”. Tudo isso, na visão de alguns, devido à inviabilidade de se produzir arte e cultura com a censura imposta; ou na visão de outros, devido à carência dos nossos escritores de uma integração com o povo, ocasionando uma produção pretensamente “neutra” de conflitos sociais, culminando, portanto, com obras que refletiam experimentalismos técnico-formais, às vezes atraentes, porém quase sempre sem valor artístico. Em palavras claras, produção fraca, principalmente se comparada ao passado de fartura literária.

A pesquisadora Tania Pelegrini (1990) defende que “*na verdade as gavetas estavam cheias de uma produção numerosa e diversificada principalmente naquilo que se refere à literatura*”. É fato. À época, autores consagrados lançaram obras importantes e também surgiram novos autores. Para Pelegrini, o que deveria ocorrer eram análises do período abordando *a presença* da literatura em tempos tão difíceis como foram *os anos de chumbo* e ainda o fato dessa produção literária revelar *novas* formas de produção, merecendo por isso um olhar crítico menos tradicional, ou seja, a crítica deveria repensar seus métodos e *experimentar* outras formas de análise.

O crítico Nelson Coutinho, em artigo publicado em 1973 na Revista Visão, fez uma análise sobre os novos autores da época. De início, afirma que foi um período de esvaziamento e estagnação cultural sim e que essa situação fora se fortalecendo devido às tendências especificamente culturais operantes na vida intelectual brasileira. E garante que um número relevante de nossos escritores – exceto os grandes – vira quase sempre a literatura como algo elitista, individualista, e isso culminou em uma produção, às vezes, até interessante do ponto de vista experimental, porém distanciada dos valores humanos e escassa de valor estético. Dessa forma, aliadas causas externas e *neutralidade* nos quesitos humano e estéticos, pode-se entender essa produção um pouco decepcionante do final dos anos 60 e início dos anos 70 do século XX.

Está claro que nem todas as gavetas estavam vazias e que a década não foi perdida. Ao ver de Coutinho, a despeito da falta de fôlego de nossos romancistas mais experientes e do desinteresse das editoras em publicar novatos com ideias “inoportunas”, surgiram novos e talentosos escritores, distanciados de pastiches e de modismos técnico-formais e tocados pelos dramas humanos e pelo indivíduo, como Moacyr Scliar e Antônio Torres. Citou outros - e que fique claro que nos referimos a esses dois apenas porque são exemplos que vingaram. Coutinho atentou para o fato de que, apesar de algumas falhas de composição, compreensíveis considerando ser escritores estreantes, eram autores talentosos, no que se referia à técnica literária, e abordavam uma temática de real significado para o ser humano. Scliar estreia com um romance - *A guerra no Bom Fim* - sobre o judeu Joel em um bairro de Porto Alegre e critica as contradições e os destinos do Judaísmo no mundo. Torres, por sua vez, em *Um Cão Uivando para a lua*, apresenta um nordestino que tenta obter sucesso em São Paulo como jornalista. Dramas humanos individuais, simbólicos. Romances com valor humano e riqueza estética, por isso importantes e representativos.

O romance de Torres foi considerado por alguns como o melhor romance de 1972. Interessou à crítica e ao público a história de um migrante nordestino criado na roça, que vem para cidade grande e que impactado pelo choque cultural e sufocado pela atmosfera competitiva da capital, acaba se transformando em um intelectual neurótico, que enlouquece de vez após viagem para Transamazônica. Insano, já no hospício, recebe a visita de um outro repórter e os dois personagens, representativos da realidade e da loucura, fazem um embate questionando o que é real e o que é loucura acerca da condição humana. Estreia marcante porque expunha a resistência de um jovem se rebelando contra um *status quo* hediondo que “*coisifica o homem através do Estado, da publicidade, da massificação.*” (Ribeiro, 1973). Torres, assim como Scliar, trouxe de volta a prosa realista, fazendo uma reflexão crítica sobre a sociedade contemporânea e questionando as alternativas de sobrevivência na cidade grande.

O escritor baiano não demora a publicar novamente. No ano seguinte, 1973, lança *Os homens dos pés redondos*, narrativa urbana que retoma múltiplos aspectos da realidade portuguesa da década de 60 – os últimos anos do governo de Antônio de Oliveira Salazar – disfarçados na fictícia Ibéria. São analisados aspectos dessa sociedade: o regime ditatorial, a opressão, a tortura, o medo, o cerceamento da intelectualidade, a guerra para guardar despojos das colônias africanas, o

capitalismo urbano, a massificação produzida pela publicidade, a presença sufocante da igreja, a mentalidade provinciana e preconceituosa, os modernos costumes da urbe. O escritor havia passado uma temporada em Portugal e na volta escreveu o livro. Texto mais apurado tecnicamente, segundo a crítica, e oportunamente analisando uma cidade sob o jugo da opressão, do capitalismo, do embate passado x presente. Lembrando: em 1973, quando ainda perdurava o regime militar no Brasil sob o comando do mais duro e repressor general do período, Emilio Médici. Com esse segundo romance, Torres imprime mais uma marca em sua obra: escritor com compromisso social, pois como diz Cândido (1989) “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.”

Três anos depois, 1976, Torres se firma definitivamente no cenário literário lançando o *best-seller Essa Terra*. Com essa obra, volta ao tema da migração nordestina e traz uma inovação: um narrador migrante em 1ª. pessoa. Foi uma novidade porque seus contemporâneos continuavam tráfegando com vozes narrativas na 3ª. pessoa. Em *Essa Terra* o migrante Totonhim, narrador, conta a sua historia sem intermediações. Torres inaugura assim um momento importante da nossa literatura. Concede voz a quem até então permanecia silenciado, com direito à fala negado. É um momento tão respeitável da nossa literatura quanto foi o vaqueiro Fabiano ser protagonista em *Vidas Secas*. Ainda que mudo. A miserabilidade e a submissão de Fabiano eram tão perversas que ele não tinha condições sociais e nem coragem para falar. A personagem grunhia, emitia sons guturais e interjeições. Era protagonista, mas ainda não era o narrador. Não falava por si. Inquestionavelmente, em *Essa terra*, o migrante aparece pela primeira vez como narrador de sua trajetória. O próprio errante conta ao leitor suas experiências. O *eu* falando por si mesmo. Essa concessão de voz ao desvalido-marginalizado, sob vários aspectos é importantíssima. Politicamente e socialmente falando ainda lutamos para ter voz. O silenciamento do marginalizado é condição política e social. Literariamente falando, essa liberação da voz é motivo para reflexão, para questionamentos.

ESSA TERRA TEM VEZ, TEM VOZ, TEM SENTIMENTO

Essa terra enreda a história de Totonhim, o caçula de uma família oriunda do Junco, cidadezinha do interior baiano. Ele, tal qual o irmão mais velho e quase todos do lugar, deixam a terra natal em busca de uma vida melhor na metrópole. A família de Totonhim era pobre, mas não miserável e o Junco, no final das contas, era uma “*terra velha e boa*” (Torres, 2012). Os familiares de Totonhim, bem como os conhecidos da cidade, quiseram ir para cidades mais avançadas porque queriam desfrutar de uma vida melhor. Nelo, irmão de Totonhim, sonhava

“se transformar, como que por encantamento, num homem belo e rico, com seus dentes de ouro, seu terno folgado e quente de casimira, seus ray-bans, seu rádio de pilha – faladorzinho como um corno - e um relógio que brilha mais do que a luz do dia. Um monumento, em carne e osso. Um exemplo vivo de que nossa terra podia gerar grandes homens” (Torres, 2012, p. 11).

No Junco, espaço geográfico do romance, esse progresso é proclamado pelos homens de terno que chegaram de jipe e ofereceram *novas* oportunidades por meio de empréstimos bancários e *novas* ideias para agricultura. Os jovens se encantaram com o sucesso que aqueles homens bem vestidos e educados representavam e quiseram ser como eles. Então, o motivo da mudança não era a fome que assolava Fabiano e sua família. Torres percebeu essa transmutação dos motivos pelos quais se migra. Não eram os sertanejos levados por problemas de ordem social, econômica e climática. É proposto no romance perceber a migração como emergente de um poder atrativo que as forças do capital e da capital exercem sobre as pessoas. Segundo Chaves

Para a ruína atual são, portanto, apontadas explicações novas, diversas das expressas na literatura do passado e baseadas na compreensão moderna da existência de uma espécie de colonialismo interno, em função do qual o sertão se tornou um território explorado e pauperizado pela região centro-sul, verdadeiro núcleo do Estado nacional.” (CHAVES, 2008, pag. 3)

Assim, o romance propõe uma reconfiguração das justificativas da migração, considerando a mudança de contexto na qual ocorre. Como antes, migrar não é mais uma sina, é uma escolha, uma opção, ainda que tomada sob efeito de uma realidade ilusória. E o que essa ilusão desencadeia? É o que Totonhim vai nos contar, pois é o migrante narrador-protagonista de uma trilogia. Antônio

Torres lança duas continuações de *Essa Terra*. Em 1997, *O cachorro e o lobo* e em 2009, *Pelo fundo da agulha*. No desenrolar dos três volumes o escritor revela a saga dramática de quem vai embora com perspectivas de sucesso, sem se esquecer de refletir também sobre a família que fica e na expectativa de também desfrutar das riquezas e do sucesso de quem vai. A saber, o primeiro volume da trilogia é sobre Totonhim contando como foi a trajetória de Nelo, irmão mais velho que foi para São Paulo e deixou a família na expectativa da volta triunfal. O início do romance é trágico. O suicídio de Nelo ao voltar para a terra natal é estopim para conhecermos aos poucos como ficou a vida da família no Junco, sob permanente expectativa e vivendo também o sonho de Nelo. Ao mesmo tempo, sabemos do fracasso do irmão mais velho e de sua fuga final. A família fracassa. Totonhim reage fugindo para São Paulo; a mãe de Totonhim reage enlouquecendo; o pai de Totonhim reage indo viver nas grotas, bebendo e conversando com as galinhas; as irmãs de Totonhim fogem para as cidades com o primeiro que aparece. Suicídio. Mudança. Loucura. Solidão. Entrega ao desconhecido. Todos fogem ao jeito de cada um.

A explosão industrial da região Sudeste, notadamente a riqueza de São Paulo exaustivamente alardeada, enchia a cabeça dos nordestinos de sonhos de prosperidade. Claro está que o escritor voltou ao tema da migração com uma nova perspectiva sobre o assunto, pois demonstra que nem sempre o ato de migrar é um movimento obrigatório, como foi para Fabiano, que se mudou para outras bandas porque não tinha alternativa, ou migrava ou morria de fome e de sede. Para a família de Totonhim, a mudança foi escolha, ainda que essa possibilidade tenha sido tomada devido à aparência sedutora dos homens das *terras civilizadas* e suas promessas. “*Dinheiro. Dinheiro. Dinheiro. Cresce logo, menino, pra você ir para São Paulo.*” (Torres, 2012). Em *Essa Terra* as pessoas vão embora porque sonham com uma vida mais próspera, porque querem obter sucesso, posses. Elas querem ser iguais aos outros homens das terras avançadas, civilizadas. Idealizam essa terra, sem medo. Bem diferente de Fabiano na sua fuga. A personagem de Vidas Secas teme o que está por vir: *Que iriam fazer? Retardaram-se, temerosos. Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela.*”(Ramos, 2009) . Fabiano não poderia ter voz, sua condição não permitia. Os nordestinos de *Essa Terra* podem. Os sonhos e as ilusões lhes deram coragem e voz.

Como já dissemos, Antônio Torres percebeu essa mudança de foco da migração e transformou isso em literatura. O escritor atualizou uma temática corrente da literatura brasileira,

inovando no foco narrativo e na abordagem do tema, continuando a privilegiar o ser humano e seus dramas. Nos três livros é revelada toda a saga do ir e vir e o que sente o migrante e seu entorno. Ao longo dos três romances são denunciados os flagelos da migração, no que tange ao migrante e também a sua família. E é importante ressaltar o enfoque dado ao núcleo familiar que continua na terra de origem, pois ele permanece e, entretanto, migra também. Em sonho. A família que fica fantasia com o sucesso de quem foi e nisso escapa também. Quando esse sucesso não se concretiza, e o fracasso é uma constante, todos se agoniam.

Em última instância, a obra narra uma história de família, uma história de família em situação extrema de diáspora, separação, distancia, como contingência mesmo da vida em diáspora. Uma história de família narrada por quem ficou e recolhe os restos de tanta dificuldade de diálogo para talvez no futuro construir sua própria narrativa – narrativa essa que Torres veio efetivamente colocar no papel em livros posteriores.” (MORICONI, 2008)

Torres preza pela densidade interior dos seus personagens. Expõe suas contradições, angústias, sofrimentos, desejos, inquietações e principalmente a maneira como reagem às dificuldades. Tema do romance, a fuga é apresentada em primeiro momento como motivo e ao longo dos volumes como saída para várias frustrações. Temos a loucura da mãe, mediante a morte do “filho perfeito”; a solidão e o alcoolismo do pai, que não consegue viver sob os novos moldes capitalistas; o suicídio do irmão mais velho, que fracassa em São Paulo e não tem coragem de contar e destruir a fantasia dos outros; os sonhos e delírios do narrador, que indo e voltando de um lugar para outro não consegue, apesar dos esforços, pertencer mais a nenhum lugar.

Na trilogia, a quimera de escapar para a cidade grande desencadeia várias outras fugas, que se configuram válvulas de escape mediante as dificuldades encontradas. Esses escapes vão sendo expostos um a um e nosso estudo para tese de doutoramento se propõe a categorizar essa fuga e demonstrar que suas várias matizes são motivo e consequência, considerando o contexto de exclusão, de marginalização e da sensação de estar perdido e desprotegido, situação comum ao migrante, que se percebe não pertencer no final das contas a lugar nenhum. O protagonista Totonhim começa a perceber esse não pertencimento em *O Cachorro e o Lobo*, quando volta para o Junco depois de vinte anos em São Paulo; e tem certeza disso em *Pelo Fundo da Agulha*, quando

percorre vários lugares no mundo e não se encontra em nenhum. No desenrolar das narrativas o drama do sertanejo vai se tornando um drama universal. Em nosso entendimento, nessas obras de Torres o homem do sertão se iguala aos sujeitos contemporâneos de qualquer parte que, iludidos pelos valores líquidos de uma sociedade capitalista e pelas promessas de sucesso, partem para inúmeros lugares e muitas vezes não chegam a lugar nenhum. Escolhem partir em busca de sucesso, aceitação, inclusão. Quando fracassam - e fracassam - escapam novamente, pois a fuga, na obra torresiana, apresenta-se de várias maneiras - suicídio, embriaguez, delírios, solidão, loucura, mudança, silêncio -, e são elas alguns dos elementos para compreensão da condição humana.

Antônio Torres é escritor singular na nossa literatura e já dava indícios disso quando na estreia literária inovou e introduziu novas perspectivas em relação a temas e formas narrativas. As várias formas de escapismo apresentadas na trilogia *Essa Terra, O cachorro e o lobo e Pelo fundo da agulha*, intriga o leitor atento não apenas porque se transfiguram em linguagem e estilo, mas também pelo aproveitamento estético delas na tessitura dos romances. Essas nuances da fuga como elemento estético e como condição humana confirmam a universalização do drama da migração - e consequentemente da obra do escritor.

Achamos relevantes enfatizar esses aspectos da obra Torresiana e estudá-los em tese porque percebemos que a obra de Antônio Torres - ainda que ele seja um autor popular em eventos literários e culturais, premiado no Brasil e no exterior, membro imortal da ABL e amplamente traduzido - não é divulgada pelo cânone como deveria, ou seja, apesar de suas importantes contribuições, o cânone não tem registrado esse valor com devido. Pouco espaço ou quase nenhum é dado ao autor em livros teóricos de literatura brasileira, por exemplo. E um autor com essa ampla e marcante contribuição para nossa literatura merece obrigatoriamente registro mais atento.

Referências

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, São Paulo: Papirus. 1994.

ARAÚJO, Adriana de F. B. *Migrantes nordestinos na literatura brasileira*. Rio de Janeiro, 2006. Tese (Doutorado em Ciências da Literatura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Departamento de Ciência da Literatura.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e subdesenvolvimento*. In: A educação pela noite e outros ensaios. São Paulo: Ática, 1989.

_____. *Direitos Humanos e literatura*. In: A.C.R. Fester (Org.) Direitos humanos E... Cjp / Ed. Brasiliense, 1989.

_____. *Literatura e Sociedade*. 3ª. edição. São Paulo: Nacional, 1976

_____. *A literatura e formação do homem*. Revista Remate de Males. Edição Especial Antonio Candido. IEL-UNICAMP, 1999.

CHAVES, Vânia Pinheiro. *Um novo sertão na literatura brasileira: Essa terra, de Antônio Torres*. Lisboa. 2008.

COUTINHO, Carlos Nelson. *Uma questão de coragem*. Revista Visão. São Paulo, 1973.

NOVAES, Claudio Cledson; SEIDEL, Roberto Henrique. (Org.). *Espaço nacional, fronteiras e deslocamentos na obra de Antônio Torres*. Feira de Santana. UEFS Editora, 2010.

PELLEGRINI, Tânia. *Gavetas vazias: ficção e política nos anos 70*. São Carlos-SC: EDUFSCar/ Mercado de Letras, 1990.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 110ª. edição. Rio de Janeiro: Record, 2009.

RIBEIRO, Gilson Leo. Passo à frente. Revista Veja, 24 de outubro, 1973.

TORRES, Antônio. *Essa Terra*. 24ª. edição. Rio de Janeiro: Record, 2012.